



**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO
EM GEOGRAFIA - PROP GEO**

**UNIVERSIDADE ESTADUAL
DO CEARÁ - UECE**

Av. Dr. Silas Munguba, 1700 -
Campus do Itaperi, Fortaleza/CE

**REFLEXÕES SOBRE A
INTERDISCIPLINARIDADE NO
ENSINO DE GEOGRAFIA**

Thais Coelho Lopes

Citação: LOPES, T.C. REFLEXÕES SOBRE
A INTERDISCIPLINARIDADE NO ENSINO
DE GEOGRAFIA. **Revista GeoUECE**
(Online), v. 6, n. 11, p. 83-99, jan./jun. 2017.
ISSN 2317-028X.



REFLEXÕES SOBRE A INTERDISCIPLINARIDADE NO ENSINO DE GEOGRAFIA

REFLECTIONS ON INTERDISCIPLINARITY IN GEOGRAPHY EDUCATION

REFLEXIONES SOBRE LA INTERDISCIPLINARIDAD EN LA ENSEÑANZA DE GEOGRAFÍA

Thais Coelho Lopes ¹

¹ Especialista em Geografia e Meio Ambiente pela Universidade Regional do Cariri (URCA). Graduada em Geografia pela Universidade Regional do Cariri (URCA). Professora da rede pública municipal de Porteiras – CE. E-mail: lopescthais@gmail.com

Resumo

O presente trabalho tem por objetivo analisar a interdisciplinaridade no ensino de Geografia e a importância de sua inserção na construção do conhecimento no âmbito escolar, nesse contexto aliando a ciência geográfica e a prática interdisciplinar. A interdisciplinaridade é compreendida com forma de interação recíproca entre saberes distintos e semelhantes, ferramenta amenizadora das disparidades entre disciplinas passando de uma perspectiva fragmentada da realidade para uma percepção unificada do conhecimento, sendo posta como condição primordial ao ensino de Geografia auxiliando no desenvolvimento educacional dos indivíduos. Entende-se que a interdisciplinaridade propõe uma nova postura do professor diante do conhecimento, por ser ele o norteador, que guia os passos e os olhares dos alunos as multiplicidades de saberes diferentes. Somente com uma relação entre qualidade profissional e de recursos bem fundamentados é que será possível a construção eficiente do conhecimento geográfico. Constatamos que é preciso que projetos interdisciplinares sejam realmente posto em prática saindo do discurso, para atuação no âmbito escolar, como parte do processo educativo, devendo ser objetivo do coletivo, não podendo ser um trabalho individual e fracionado.

Palavras-chave: Interdisciplinaridade. Geografia. Ensino.

Abstract

The present work has the objective of analyzing the interdisciplinarity in the teaching of Geography and the importance of its insertion in the construction of knowledge in the school context, in this context combining geographic science and interdisciplinary practice. Interdisciplinarity is understood as a form of reciprocal interaction between distinct and similar knowledge, a tool that





alleviates disparities between disciplines, passing from a fragmented perspective of reality to a unified perception of knowledge. It is placed as a primordial condition to the teaching of Geography, aiding in the educational development of individuals. It is understood that interdisciplinarity proposes a new posture of the teacher before the knowledge, because it is the guiding one, that guides the steps and the students' looks the multiplicities of different knowledge. Only with a relationship between professional quality and well-founded resources will the efficient construction of geographic knowledge be possible. We find that it is necessary that interdisciplinary projects are really put into practice out of the discourse, to act in the school environment, as part of the educational process, and should be objective of the collective, and can not be individual and fractional work.

Keywords: Interdisciplinarity. Geography. Teaching.

Resumen

El presente trabajo tiene por objetivo analizar la interdisciplinariedad en la enseñanza de Geografía y la importancia de su inserción en la construcción del conocimiento en el ámbito escolar, en ese contexto aliando la ciencia geográfica y la práctica interdisciplinaria. La interdisciplinariedad es comprendida con forma de interacción recíproca entre saberes distintos y semejantes, herramienta amenizadora de las disparidades entre disciplinas pasando de una perspectiva fragmentada de la realidad hacia una percepción unificada del conocimiento, siendo puesta como condición primordial a la enseñanza de Geografía auxiliando en el desarrollo educativo de los individuos . Se entiende que la interdisciplinariedad propone una nueva postura del profesor ante el conocimiento, por ser él el orientador, que guía los pasos y las miradas de los alumnos las multiplicidades de saberes diferentes. Sólo con una relación entre calidad profesional y de recursos bien fundamentados es que será posible la construcción eficiente del conocimiento geográfico. Se constató que es necesario que proyectos interdisciplinarios sean realmente puestos en práctica saliendo del discurso, para actuación en el ámbito escolar, como parte del proceso educativo, debiendo ser objetivo del colectivo, no pudiendo ser un trabajo individual y fraccionado. construcción eficiente del conocimiento geográfico. Se constató que es necesario que proyectos interdisciplinarios sean realmente puestos en práctica saliendo del discurso, para actuación en el ámbito escolar, como parte del proceso educativo, debiendo ser objetivo del colectivo, no pudiendo ser un trabajo individual y fraccionado.

Palabras clave: Interdisciplinariedad. Geografía. Educación.

1. INTRODUÇÃO

No bojo de uma nova realidade educacional que se insere atualmente, oriundas de múltiplas mudanças no âmbito social, político, cultural e econômico



é emergente a interdisciplinaridade na contemporaneidade. O estudo sobre a temática tem recebido atenção de distintas áreas do conhecimento inclusive na Geografia na qual são produzidos trabalhos voltados a fazer esse paralelo, porém ainda é desconhecido ou desconsiderado por boa parte de professores. Pois para realizar um trabalho interdisciplinar requer planejamento e vontade de tornar a prática educativa dinâmica e eficaz, aonde percebemos que infelizmente nem a universidade realiza-o concretamente.

Aparentemente o trabalho interdisciplinar é de fácil aplicabilidade na escola (sala de aula), onde a maioria dos profissionais de educação utilizam constantemente. No entanto, no decorrer das leituras constatamos que a interdisciplinaridade requer planejamento e intencionalidade, ocorrendo na maioria das vezes apenas como discursos pedagógicos sem prática, que para ser consolidada na escola necessita de mais empenho e envolvimento de toda a unidade escolar.

Esse artigo não tem a pretensão de procurar culpados para os males da educação brasileira, mas sim expor a importância do trabalho interdisciplinar especificamente no ensino de Geografia como forma de facilitar o trabalho dos professores e instigar a aprendizagem dos alunos. Uma vez que acreditamos que para a compreensão do espaço enquanto totalidade, torna-se essencial uma postura interdisciplinar, visando atender as necessidades de aperfeiçoamento das disciplinas sem isolamentos ou fragmentações.

Para entender a intencionalidade e a complexidade do trabalho interdisciplinar é necessário um aporte conceitual, não somente da interdisciplinaridade, mas também distingui-la da multidisciplinaridade, pluridisciplinaridade e transdisciplinaridade, em consideração a muitos equívocos que possam colocar tais fatores como sinônimos. A interdisciplinaridade é competência importante dentro da metodologia para o desempenho da construção do conhecimento, não tem a função de criar ou mesmo anular disciplinas, mas de buscar através da interação o aprimoramento do ensino e aprendizagem.



Se formos fazer uma análise sobre a construção do conhecimento geográfico veremos que ela se deu de forma fragmentada sendo durante muito tempo a descrição de lugares utilizada como controle de poder nos territórios, ao longo do desenvolvimento da ciência houve períodos em que conhecimentos específicos como a, cartografia, geomorfologia, climatologia, ecologia, pedologia, hidrografia, privilegiaram alguns aspectos do espaço isoladamente, entretanto atualmente esses conhecimentos foram intercalados como forma de melhor compreender e explicar a realidade como uma totalidade dos fenômenos sociais e naturais, numa dimensão histórica e contemporânea.

Nessa perspectiva, a Geografia é uma ciência que estuda o espaço constituído pelas relações do homem com o meio, a não compreensão da organização, construção e produção deste espaço acarreta intensas crises sociais. Nesse sentido, a Geografia tem um importante papel no rompimento da alienação através do conhecimento.

2. EDUCAÇÃO E ESPAÇO ESCOLAR

Quando se fala em educação interdisciplinar é imprescindível que façamos reflexões acerca do ensino atual, independente do período histórico a escola sempre se mostrou como instituição geradora de cidadãos, sendo apontada como a principal responsável pela reversão do quadro de injustiça, exclusão e desigualdade socioespacial.

Na atualidade é perceptível as mudanças causadas pela globalização, entre elas destacamos a influência que o desenvolvimento e a implementação de novas tecnologias tem na formação dos educandos. Num tempo em que tudo se torna mais complexo e inexato, sendo inevitável admitirmos que estamos cada vez mais distante da homogeneidade da sociedade, neste contexto a Geografia está presente em todo esse processo de construção do espaço, devendo compreender que os saberes limitados não são o bastante para abranger a amplitude dos processos e contextualizações atuais, vindo a ser imprescindível a interação, a cooperação e o diálogo entre distintas disciplinas para a compreensão do espaço geográfico.



Há uma necessidade de distinção entre educação e educação escolar, ciente que nem somente o professor é capaz de ensinar algo a alguém não é o detentor do saber, partindo do ponto em que o ato educativo é independente do âmbito escolar tem seu embrião na família, posteriormente e paralelamente na sociedade em múltiplas dimensões, nesse sentido a escola deve ser entendida como integradora de realidades distintas. “É possível afirmar que tudo o que ocorre na escola é educação, mas nem tudo o que é educação ocorre necessariamente na escola” (SANTOS, 2007, p.23).

Podemos destacar atrasos na educação brasileira através da competição profissional em prol de um objetivo: o capital, posto como fator primordial da realidade social, política e econômica da nossa sociedade. A escola é um meio de construção de identidades sociais, que se destina a um propósito de colocar os valores principais de uma sociedade em ênfase. No entanto notamos dificuldades na implantação de novas ideias, nas escolas, pois não percebemos um total empenho na concretização de tais valores.

Tornou-se visível nesta última década a ocorrência da transferência de responsabilidades da família assim como, da sociedade para a escola, como se somente ela tivesse a função de educar, caracterizada pela instantaneidade das relações humanas e afetivas inseridas na nova organização espacial. Ficando a cargo de a escola suprir as necessidades dos alunos, com isso surgem diferentes papéis a serem desenvolvidos pelo professor e pela própria instituição assumindo as funções de pai, mãe, amigo, psicólogo etc.

Pensar a educação na modernidade supõe considerar o sistema de ensino influenciável a distintos interesses no contexto político, cultural, econômico, e religioso, sendo por vezes utilizado como discurso ideológico e estratégico em diferentes escalas, como exemplo destacamos a existência de diversos colégios religiosos espalhados pelo país, desempenhando função ideológica, além disso, no aspecto político constantemente ocorrem fortes influências nem sempre perceptíveis, podendo ser camuflada em leis ou mesmo em discursos no livro didático na maioria da vezes de Geografia e História. Nesse sentido vejamos o que salienta SANTOS:



Os diversos indicadores sociais demonstram que a educação escolar – de maneira geral – tem servido, ao longo do tempo, apenas para produzir e reproduzir valores e ideologias comprometidos com os interesses das camadas dominantes da sociedade, essa tem sido a tendência dos países capitalistas. E no Brasil as coisas não se passaram e nem se passam de forma diferente (SANTOS, 2007, p. 90).

Entretanto ao mesmo tempo em que é a instituição escolar desempenha funções de poder, é por excelência detentora de ferramentas capazes de transformar o meio social que se encontra em desarticulação, mas para tal mudança ocorra torna-se necessária uma reestruturação educacional com o intuito de superar as dicotomias e fragilidades atuais do ensino brasileiro.

3. INTERDISCIPLINARIDADE MULTIPLAS DIMENÇÕES

Quando analisamos a interdisciplinaridade tal qual como ela deve ser, percebemos que um dos maiores empecilhos para a o trabalho interdisciplinar é a fragmentação uma característica que se encontra inerente não só ao ensino, mas também, em toda a sociedade, os conhecimentos específicos quando postos isoladamente não são suficientes para a compreensão da complexidade dos processos e fenômenos estudados, sobre essa temática, SANTOS afirma que: “A fragmentação da realidade concreta e aprisionamento dos fragmentos em contextos isolados impossibilitam o homem de construir relações dialéticas e o impedem de entrar em contato com a totalidade” (SANTOS, 2007, pag.71). A interdisciplinaridade compõe uma realidade que se deve levar do múltiplo ao indiviso, em um mesmo objetivo.

Apesar de o termo interdisciplinaridade ser um neologismo, a construção do conhecimento de maneira interdisciplinar é muito antigo, segundo KLEIN (in: FAZENDA 1998) já no Ocidente a integração e síntese do conhecimento constituíam a filosofia antiga, ideias fundamentais da ciência unificada. Ao longo da história distintas áreas passaram a constituir conhecimentos específicos assim a ciência se disseminou em muitas direções resultando num número crescente de disciplinas.

A interdisciplinaridade ainda que não seja constante em todas as escolas do país é instituída atualmente por lei. Em análise documental FAZENDA, (1979)





constatou já na década de 70 na legislação Brasileira de 1º e 2º graus o termo interdisciplinar vejamos:

Currículo é a seqüência de experiências através das quais a escola tenta estimular o desenvolvimento do aluno. A verificação do conceito, leva a concluir que os problemas afetos ao currículo são os mesmos que compõem o quadro das ciências pedagógicas. Daí sua construção requerer um embasamento teórico interdisciplinar e envolver a totalidade dos múltiplos setores componentes das instituições escolares (1/72-CFE apud FAZENDA, 1979, P.67).

A fim de conferir ao currículo organicidade, logicidade e coerência impõem-se a necessidade de um enfoque global interdisciplinar que leve em conta as dimensões filosóficas, antropológicas e psicológicas (1/72-CFE apud FAZENDA, 1979, P.67).

Com o passar dos anos na década de 90 as pesquisas acadêmicas voltaram-se de cada vez a questionamentos acerca do ensino chegando a atingir com mais fluidez o ambiente acadêmico, como forma de alcançar uma aprendizagem significativa e com maior qualidade, reforçando assim, a necessidade por projetos e ações interdisciplinares na escola, ao mesmo tempo em que mudanças que foram ocorrendo através da interação de múltiplas disciplinas proporcionaram resultados positivos. Os PCN's (2001) do ensino fundamental definem a interdisciplinaridade no ensino:

A interdisciplinaridade questiona a segmentação entre os diferentes campos de conhecimento produzidos por uma abordagem que não leva em conta a inter-relação e a influencia entre eles – questiona a visão compartimentada (disciplinar) da realidade sobre a qual a escola tal como é conhecida, historicamente se constitui. Refere-se, portanto, a uma relação entre disciplinas (PCN, 2001, p.40).

Os conceitos de interdisciplinaridade no geral se utilizam dos mesmos elementos, de acordo com FAZENDA, pesquisadora brasileira que se dedica seriamente a essa temática a mais de 20 anos conceitua claramente:

Interdisciplinaridade é o termo utilizado para caracterizar a colaboração existente entre disciplinas diversas ou entre setores heterogêneos de uma ciência (exemplo: psicologia e seus diferentes setores: personalidade, desenvolvimento social etc.). Caracteriza-se por uma intensa reciprocidade nas trocas, visando um enriquecimento mútuo (FAZENDA, 1979, P.41).

Para CUSTÓDIO (2009) ancorado nas definições de Japiassú interdisciplinaridade: “Trata-se da disposição horizontal de disciplinas com objeto comum de interesse, com interligação e cooperação explícita entre elas em



sentido horizontal, em torno de um objeto comum. ” (CUSTÓDIO, 2009, p.84). Nesta visão a interligação e cooperação passam a representar fatores importantes ao ato interdisciplinar.

É preciso distinguir multidisciplinaridade, pluridisciplinaridade e transdisciplinaridade. Embora parecidos na nomenclatura existem distinções entre cada conceito não devendo serem tratados como semelhantes entre si correndo assim o risco de gerar a banalização dos termos e suas respectivas significações.

Sobre a distinção entres esses diferentes níveis, interdisciplinaridade e multidisciplinaridade, SANTOS (2002) salienta que:

Referimo-nos à confusão entre interdisciplinaridade e multidisciplinaridade. Quando se fala em multidisciplinaridade se está dizendo que o estudo de um fenômeno supõe uma colaboração multilateral de diversas disciplinas, mas isso não é por si mesmo uma garantia de integração entre elas, o que somente será atingível da interdisciplinaridade, isto é, por meio de uma imbricação entre disciplinas diversas ao redor de um mesmo objetivo de estudo (SANTOS, 2002, p.133).

A multidisciplinaridade compõe-se de duas ou mais ramos do conhecimento distintos entre si com características próprias diferente da interdisciplinaridade neste nível não há interação, nem objetivos comuns. Alguns autores consideram multidisciplinaridade e pluridisciplinaridade como conceitos semelhantes, porem neste último caso as disciplinas podem ter proximidades no domínio de conhecimento, mas sem interação. JANTSCH (apud FAZENDA, 1979) propôs a seguinte classificação:

Multidisciplinaridade – gama de disciplinas que propõe simultaneamente, mas, sem fazer aparecer às relações que possam existir entre elas; destina-se a um sistema de um só nível e de objetivos múltiplos, mas, sem nenhuma cooperação.

Pluridisciplinaridade - Justaposição de diversas disciplinas situadas geralmente ao mesmo nível hierárquico e agrupadas de modo a fazer aparecer as relações existentes entre elas; destina-se a um tipo de sistema se um só nível e de objetivos múltiplos, onde existe cooperação, mação coordenação.

Interdisciplinaridade – destina-se a um sistema de dois níveis e de objetivos múltiplos onde há coordenação procedendo do nível superior.



Transdisciplinaridade – coordenação de todas as disciplinas e interdisciplinas do sistema de ensino inovado sobre a base de uma axiomática geral – destina-se a um sistema de nível e objetivos múltiplos – há coordenação com vistas a uma finalidade comum dos sistemas (JANTSCH, apud FAZENDA, 1979, P.38,39).

A transdisciplinaridade é o último nível sendo este o mais complexo de difícil implantação no ensino, seria assim um estágio além da interdisciplinaridade um processo radical na organização de disciplinas uma junção que almeje objetivos únicos. Entretanto alguns autores tratam dessa questão como utopia por considerar que não conseguimos sequer situar o trabalho interdisciplinar em todo o sistema de ensino, onde cada vez mais se perpetuam desafios para a implementação da transdisciplinaridade.

Ainda nesse contexto SANTOS (2007) trata de uma “educação interdisciplinar uma utopia possível” como algo que poderá ocorrer:

É exatamente neste sentido – de sonhos como “ainda-não” – que se insere a utopia pedagógica da interdisciplinaridade. Um mundo ainda não existente; uma sociedade também ainda não existente; um homem ainda não existente e, obviamente uma proposta pedagógica ainda não existente. O que não significa dizer que não seja possível. Para isso, evidentemente, há que se postular um outro modelo de educação escolar – uma educação que se estenda para além dos muros da escola e, ao mesmo tempo, contemple em sua proposta curricular os ideais e valores resultantes do multiculturalismo no qual se banha a organização escolar (SANTOS, 2007, p.57).

Embora seja difícil a realização das práticas interdisciplinares por variados motivos muitos deles permeiam a educação desde os séculos passados, que se encontram inseridos numa mesma realidade reúnem também as barreiras da atualidade. Partimos do ponto em que as demandas educacionais seguem a caminhos que tendem a modificar a significação e a materialização do âmbito escolar.

As ações que podem ser desenvolvidas na escola de maneira interdisciplinar integrando diversas áreas do conhecimento vão de simples projetos intra ou extraclasse que ocorrem com mais frequência geralmente estes, envolvem professores da própria instituição nem sempre envolvendo todo o corpo docente e discente até grandes e complexos projetos que sejam trabalhados no âmbito escolar em sua totalidade eliminando as barreiras entre as disciplinas.



Quando se fala em projetos interdisciplinares não significa dizer que somente pode ocorrer dessa forma, pelo contrário, há uma vasta gama de ações que podem ser desenvolvidas, destacamos, por exemplo, as atividades cotidianas que poderão intercalar a Literatura, Matemática, Música, História, Biologia e tantas outras áreas ao ensino de Geografia tendo um devido planejamento, podem romper com as ideias sustentadas sobre o ensino geográfico como chato e cansativo.

O docente que busca trabalhar com a interação de outras disciplinas abre a possibilidade de ser um professor pesquisador, tornando-se diferente dos demais que na maioria dos casos se limitam aos conhecimentos já obtidos anteriormente. Aonde o professor pesquisador enfatiza o conhecimento pautado na criticidade e reflexão dos fenômenos sociais e naturais no espaço.

Nesse sentido, acreditamos que por fim as dicotomias escolares em relação às disciplinas podem representar um trabalho árduo, por causa de toda estruturação da educação, também pela cultura. “mais difícil que transformar as estruturas institucionais é transformar as estruturas mentais, e obviamente, essa transformação seria condição necessária a transformação das primeiras.” (FAZENDA, 1979, p.54).

4. INTERDISCIPLINARIDADE E A CIÊNCIA GEOGRÁFICA

A reflexão sobre os princípios epistemológicos da Geografia abrange a análise do processo de construção do conhecimento assim como do próprio espaço geográfico seu objeto de estudo. Desde os primórdios nas primeiras relações do homem com o meio natural a ciência geográfica começou a ser delineada. Entretanto, não se pode asseverar que os povos primitivos cultivaram uma ciência geográfica, mas seguramente contribuíram para o seu desenvolvimento.

Nem sempre a Geografia teve a função de analisar o espaço fruto das relações sociais, durante muito tempo ela serviu para acentuar as desigualdades entre os povos como saber estratégico a serviço do poder. Mesmo antes da institucionalização da Geografia acadêmica que se deu em meados do século



XIX, os conhecimentos geográficos eram utilizados para a expansão dos territórios assim como, para a dominação e controle dos povos pelas classes hegemônicas, servindo como instrumento relevante no período colonial.

Em todas as civilizações ocorreram descobertas geográficas de diferentes formas ao qual iremos fazer um breve relato das contribuições ocorridas na história desta ciência. Um importante legado nos foi deixado pelos sumérios à primeira representação cartográfica do mundo, de acordo com LENCIONE (1999, p. 35,36) “o maior legado da antiguidade é, sem dúvida, o proporcionado pelos gregos” acrescenta ainda “podem ser considerados no sentido figurativo por terem sido pioneiros na construção de um conhecimento metódico”. Foram também os gregos que criaram a palavra geografia geo – terra e graphia – descrever.

No império romano Estrabão foi considerado muito importante ao conhecimento antigo por elaborar uma obra com o título Geografia colocando o saber geográfico como forma de conhecer o mundo, ampliando assim a visão da ciência. A idade média, porém, constitui o período de maiores dificuldades de desenvolvimento da Geografia pela ascensão da igreja medieval estando na bíblia à explicação para todos os fenômenos inclusive sobre o surgimento da terra.

A modernidade gerou por um lado uma série de fragmentações do conhecimento, e por outro a reorganização da ciência vinculada à revolução industrial, o advento do sistema capitalista provocou intensas transformações na sociedade. Dois pensadores alemães influenciaram no desenvolvimento da Geografia científica foram eles: Alexandre Von Humboldt e Karl Ritter, alguns autores consideram a obra dos mesmos a base da Geografia tradicional.

Esse novo período inaugura o conhecimento científico se afirma no século XIX com o desprendimento do pensamento mítico e teocêntrico do mundo, o homem e a natureza são reduzidos ao físico palpável, De acordo co LENCIONE (1999, p 88) “o pensamento científico moderno desenvolveu uma forma nova de analisar e interpretar a natureza e a sociedade teve como consequência o desenvolvimento da geografia como um ramo específico do conhecimento”



A fragmentação do conhecimento científico se institui na segunda metade do século XIX e início do século XX em todos os ramos. Na ciência geográfica surgem às geografias sistêmicas sendo divididos os estudos em quantos setores fosse possível neste cenário aparecendo assim claramente a Geografia física e humana, subdividida cada uma em sua especificidade.

Duas correntes do pensamento geográfico exerceram influências o determinismo e o possibilismo. Friedrich Ratzel foi representante do determinismo que consistia nas condições que a natureza determinava as relações dos homens, ou seja, os processos sociais. Essa proposta causou contestações principalmente com a corrente intitulada possibilismo tendo Vidal de La Blache como precursor, criticou a dimensão dos estudos de Ratzel ao afirmar que o homem e a natureza exercem influências recíprocas, colocando a natureza como fornecedora de possibilidade para a modificação humana.

A constituição da Geografia sempre esteve ligada a vários saberes, O próprio espaço geográfico é interdisciplinar, foi considerada por alguns geógrafos como ciência da síntese, por ter agregado conhecimentos específicos tanto, das ciências naturais como das ciências sociais. Observa-se que no meio acadêmico nem sempre são percebidas as principais dificuldades da ciência geográfica no ensino básico, acarretada pela sua epistemologia, vejamos o diz LACOSTE (1988) sobre o assunto:

Na geografia onde, contudo se ignora as “dificuldades pedagógicas” dos professores de história e geografia do secundário, os mestres mais avançados constatam que a geografia conhece “um certo mal estar”; um dos reitores da corporação declara, não sem solenidade, que ela “entrou na era dos quebras”. Quanto aos jovens mandarins que se lançam na epistemologia, eles chegam a ousar questionar a geografia é mesmo uma ciência, se este acúmulo de elementos do conhecimento “emprestados” da geologia, da economia política ou da pedologia, se tudo isso pode pretender constituir uma verdadeira ciência, autônoma, de corpo inteiro [...] (LACOSTE, 1988, P.22).

O geógrafo Milton Santos tratou da interdisciplinaridade em relação com a Geografia e sua construção, este autor divide em três etapas históricas e uma atual. A primeira etapa diz respeito à interdisciplinaridade clássica que trata das relações bilaterais entre Geografia e História, onde essas ciências foram por



muito tempo tidas como irmãs siamesas. A História se ocuparia dos fenômenos que ocorrem no tempo e a Geografia analisaria os acontecimentos no espaço.

A segunda fase é caracterizada pela recusa dos fundadores da Geografia moderna em aperfeiçoar saberes vindos de outras ciências, tendo como fundamental a afirmação desta como ciência autônoma, causando assim uma defasagem em seus estudos.

A extinção da interdisciplinaridade clássica submete ao aparecimento de outra, sendo esta necessária a Geografia, onde as novas configurações espaciais subdividem ainda mais o conhecimento surgindo assim novas disciplinas científicas, influenciados pelos avanços tecnológicos em todas as dimensões do espaço. SANTOS (2002, p.136) “a noção de interdisciplinaridade evolui com o progresso científico e o progresso econômico. ”

A última etapa deve-se a necessidade de definição do objeto de estudo da ciência geográfica que facilitaria uma interdisciplinaridade legítima, por ter a indefinição do objeto de estudo um atraso no desenvolvimento da Geografia.

5. O ENSINO DE GEOGRAFIA E A INTERDISCIPLINARIDADE

O ensino de Geografia se comparado a década passada tem uma expressiva modificação, as principais relacionadas à própria ciência, estando em processo de renovação, ocorrendo com maior fluidez nas universidades e de maneira lenta nas escolas, dificultando o avanço do conhecimento que tem por objetivo levar o aluno à compreensão da espacialidade que o circunda. De acordo com SANTOS (2002),

As dificuldades para chegar a uma interdisciplinaridade legítima fizeram pensar a muitos que o melhor caminho poderia ser encontrado por uma série de trabalho de pesquisa cooperativa. Especialistas das diversas áreas seriam convocados, trazendo consigo sua bagagem metodológica própria, a fim de oferecer as múltiplas contribuições necessárias a que a geografia pudesse trabalhar de forma realmente interdisciplinar. A sugestão, evidentemente, seria a outras disciplinas que seriam, igualmente, interdisciplinares (Santos, 2002, p. 140).

Atualmente os desafios encontrados se ampliam referente ao professor, aos alunos e a própria sociedade, neste contexto é necessário que o educador



seja criativo e inovador em relação aos métodos didáticos utilizados, devendo ser consideradas as relações de cultura, educação e valores morais, que não são atribuídos apenas em sala de aula na teoria, mas concretizados no ambiente escolar e na vivência com a comunidade, aonde a interdisciplinaridade se torna indispensável uma vez que a construção do conhecimento não deve ser de forma fragmentada.

O ensino de geografia ainda carrega um fardo da geografia tradicional, onde traduziu e ainda se traduz pela descrição dos elementos de forma fracionada, com atividades decorativas, negligenciando seu saber, tornando uma disciplina desinteressante. LACOSTE em (1988) questiona a geografia como “uma disciplina simplória e enfadonha?” afirma ainda:

Uma disciplina maçante, mas antes de tudo simplória, pois, como qualquer um saber “em geografia não há para entender, mas é preciso ter memória...” De qualquer forma, após alguns anos, os alunos não querem mais ouvir falar dessas aulas que enumeram, para cada país, o relevo – clima – vegetação – população – agricultura – cidades – indústrias (LACOSTE, 1988, P. 21).

Nesse sentido vale salientar que o papel do professor é de grande importância para romper com os modelos tradicionais que ainda persiste atualmente no ensino, nesse sentido a renovação da Geografia escolar torna-se urgente.

É importante entender que para a formação do aluno participativo e crítico através da interação, criação e leitura, é necessário que seja proporcionado uma reflexão acerca dos assuntos, não sendo colocados de forma limitada, tornando os educandos sujeitos do processo ensino- aprendizagem. Infelizmente as posturas de muitos educadores tornam a sala de aula em um espaço imóvel pronto e acabado, ao mesmo tempo em que os alunos são vistos como meros objetos do processo educativo, não pensantes, onde o livro didático que deveria ser um auxiliar do professor torna-se o centro das atenções remetendo na maioria das vezes as aulas chatas e cansativas, no método tradicional, onde é mais difícil de obter uma aprendizagem satisfatória.

Entende-se que a interdisciplinaridade propõe uma nova postura do professor diante do conhecimento, por ser ele o norteador, que guia os passos



e os olhares dos alunos as multiplicidades de saberes diferentes, é inevitável saber escutar o aluno, criando um clima de espontaneidade, para serem expressos opiniões e questionamentos, nesse sentido o respeito também é necessário entre os docentes e os discentes. Somente com uma relação entre qualidade profissional e de recursos bem fundamentados é que será possível a construção eficiente do conhecimento geográfico.

Uma vez que pensamos que o ensino de Geografia deve efetivamente contribuir com a construção de cidadãos críticos e conscientes do seu papel como ser social, o que significa refletir e entender o meio onde estão inseridos, ou seja, o espaço objeto de estudo da Geografia, nesse sentido é preciso que o aluno esteja mantendo relações com outras realidades para despertar a compreensão do mundo e de suas especificidades.

Bem como, torna-se necessário que se tenha consciência da importância de serem introduzidos ao ambiente escolar a interação de outras disciplinas através de projetos interdisciplinares ou mesmo no cotidiano das aulas, a Geografia propõem vantagens, nesse aspecto, por permitir o uso de outros saberes em suas temáticas, sendo métodos diversificados com o uso de documentários, dinâmicas, que possam dar suporte a aula possibilitando despertar a criatividade dos alunos para que assim, busquem novas informações que contribuam com o enriquecimento dos conteúdos trabalhados.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Constatamos que é preciso que projetos interdisciplinares sejam realmente posto em prática saindo do discurso para atuação no âmbito escolar, como parte do processo educativo, devendo ser objetivo do coletivo, não podendo ser um trabalho individual e fracionado. A necessidade interdisciplinar é entendida não somente como uma forma de modificar o meio em que habitamos, mas como uma alternativa de contribuir com a percepção dos educandos em toda a convivência em sociedade, pela renovação das ciências internamente na busca pelo saber.



A interdisciplinaridade só terá um efetivo sucesso se acontecer de maneira a que busque atingir metas previamente estabelecidas e compartilhadas pelos atores da unidade escolar. Há ainda a necessidade que as escolas inovem várias práticas pedagógicas, construindo vínculos humanos através do aprendizado coletivo, e que estas atividades estejam de acordo com as expectativas de todos. É importante que se tenha a preocupação com o ensino de qualidade a fim de proporcionar aos educandos uma boa formação.

A Geografia como ciência voltada para a compreensão e análise da relação homem/natureza deve ser fortalecida na dialética com saberes distintos, através de uma nova concepção que vise o saber prático colocando a Geografia escolar além da materialidade da escola abrangendo um conhecimento integrador.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARAÚJO, Marcos Alan Gonçalves de [et al] (org.), **Geografia ensino e pesquisa produzindo saberes**. Curitiba, PR: CRV, 2012.

BRASIL, parâmetros curriculares nacionais: **apresentação dos temas transversais: ética**. 3ª Ed. Brasília: a secretaria, 2001.

CAVALCANTI, Lana de Souza, **Geografia, escola e construção de conhecimentos**. 16ª Ed. Campinas, SP: papirus, 1998.

FAZENDA, Ivani Catarina Arantes, **Integração e interdisciplinaridade no ensino brasileiro: efetividade ou ideologia?** Edições Loyola, São Paulo, 1979.

_____ (org.). **Didática e interdisciplinaridade**. Campinas, SP: Papirus, 1998.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e terra, 1996.

LACOSTE, Yves. **A geografia isso serve em primeiro lugar, para fazer a guerra**. Campinas: papirus, 1988.

LEMO, Amália Inés Geraiges de, GALVANI, Emerson (org.). **Geografia, tradições e perspectivas: interdisciplinaridade, meio ambiente e representações**. 1ed. Buenos Aires: clacso; São Paulo expresso popular, 2009.



LENCIONE, Sandra. **Região e geografia**. São Paulo: editora da universidade de São Paulo, 1999.

PONTUSCHKA, Nídia Nacib. PAGANELI, Tomotolyda. CACETE, Núria Hanglei. **Para ensinar e aprender geografia**. 3ª Ed. São Paulo, Cortez. 2009.

SANTOS, Milton, **Por uma geografia nova: da crítica da geografia a uma geografia crítica**. São Paulo, editora da universidade de São Paulo, 2002.

SANTOS, Vivaldo Paulo dos, **Interdisciplinaridade na sala de aula**, edições Loyola. São Paulo 2007.